

# RADICAL CHIC E O NOVO JORNALISMO: INFLUÊNCIAS LITERÁRIAS E REINVENÇÃO DO JORNALISMO AMERICANO NOS ANOS 1960

Karoline Zilah Santos Carneiro (UFC)<sup>1</sup>

## RESUMO

Inspirado no Realismo literário, o Novo Jornalismo nasce na década de 1960, apostando em liberdade artística como uma afronta ao conservadorismo do *lead* clássico jornalístico. Surge durante uma recessão nas letras americanas, quando romancistas ignoram a revolução cultural pós-2ª Guerra Mundial (WOLFE, 2005). Baseado em Carta (2003), Gomes et. al. (2004) e Lima (2004), este trabalho analisa reportagens escritas por Tom Wolfe, Gay Talese e Truman Capote, identificando as seguintes influências de técnicas literárias: construção cena a cena, registro de diálogos, hábitos e costumes, mudança de foco narrativo e emprego de fluxo de consciência dos personagens. Conclui que o Novo Jornalismo ultrapassa a narrativa do Jornalismo Literário tradicional: o repórter participa da história, adentra sentimentos íntimos dos personagens e os narra de forma livre e sem impedimentos.

**Palavras-chave:** Novo Jornalismo. Jornalismo Literário. Literatura. Realismo.

## Introdução

Fazer um jornalismo onde a figura do repórter exerce importância não apenas na apuração dos fatos, mas como um personagem cujas percepções são valiosas para as impressões do público. Esta proposta feita pelo Novo Jornalismo no início da década de 1960 é hoje bastante difundida em diversos meios da informação, que têm na personalidade dos repórteres uma peça fundamental para a formação de perfil e identidade de seus programas televisivos, em *podcasts*, vídeos no YouTube, revistas e *blogs*.

Inspirado em técnicas narrativas literárias, o Novo Jornalismo apostou na profundidade das grandes reportagens para adentrar na história de seus personagens, experimentar os fatos e passar para o leitor as sensações afloradas a cada experiência. O estilo tornou as mais variadas histórias atrativas, numa época em que os jornais respondiam restritamente a fórmula do *lead*: o que, quem, quando, onde, como e por que?

De assassinatos a casos extraconjugais de presidentes dos Estados Unidos, de corridas de Stock Car à vida luxuosa de Marlon Brando, de tudo falavam os jornalistas nova-iorquinos que deram forma ao movimento. Tom Wolfe foi um deles, e era considerado o mais psicodélico de todos, romanceando as histórias, abusando de recursos de pontuação e expressões onomatopéicas, além das descrições excessivas das coisas e pessoas, que seriam formas de aproximar o leitor dos cinco sentidos: audição, olfato, tato, visão e degustação.

---

<sup>1</sup> Estudante de Licenciatura em Letras – Língua Inglesa, Universidade Federal do Ceará.

Quais seriam, então, as relações desta vertente do Jornalismo – tão inovadora para a época, que até hoje nos faz confundir realidade e ficção – com a Literatura? Quais semelhanças podem ser detectadas entre os artifícios narrativos adotados pelo Novo Jornalismo e os movimentos literários? Tratamos especificamente do Realismo, que é apresentado por Wolfe como uma de suas principais influências.

Desenvolvemos o trabalho apresentando ao leitor os conceitos de Novo Jornalismo. Como surgiu esta espécie de narrativa tão diferente do tradicional texto jornalístico? Fazemos uma revisão bibliográfica e apresentamos trechos originais das produções dos autores que marcaram a época, especificamente Tom Wolfe, Truman Capote e Gay Talese, os principais colaboradores para que o movimento tomasse uma forma tão inusitada e reinventasse o jornalismo americano na década de 1960. Apuramos, também, as técnicas indispensáveis para a identificação de um texto típico do “novo jornalista”, tomando-as como base de comparação com a literatura de ficção. Analisados os temas, encontramos elementos fundamentais que circulam entre Novo Jornalismo e Realismo literário.

### **Realismo: inspiração dos novos jornalistas**

Tomavam conta das prateleiras de livros dos repórteres nova-iorquinos obras literárias que datavam da escola do Realismo, ocorrente na literatura norte-americana na virada dos séculos XIX e XX, predominantemente entre 1865 e 1920, como registram Zardoya e Iglesias (1956). Entre as primeiras publicações de destaque na Europa, estão “Madame Bovary”, de Gustave Flaubert, “Oliver Twist”, de Charles Dickens, e “O Morro dos Ventos Uivantes”, de Emily Brontë.

O Realismo norte-americano, marcante e inspirador entre os novos jornalistas, despontou da desolação da Guerra Civil estadunidense, refletindo uma mudança no espírito da novelística do país. “A industrialização do país e o desaparecimento do homem do campo, ao final da guerra citada, expulsaram o elemento romântico da vida nacional: a ficção se tornou realista”, mencionam Zardoya e Iglesias (*idem*, p. 173), expressando que, naturalmente, a literatura passou a relatar esta nova vida.

Apresentando uma visão geral da situação da literatura norte-americana pós-Primeira Guerra Mundial, Crawford et. al (1953, p. 269) narram que as obras reproduziram as rápidas mudanças das condições econômicas, culturais e sociais. “A década 1930 a 1939 testemunhou uma reversão completa no clima social e na cena criativa: profunda depressão econômica, reforma social rápida, desilusão, pessimismo. [...] Os autores americanos procuraram valores

mais profundos, sérios, duráveis”. Tal procura surtiu efeito na produção literária, pois, na primeira metade daquele século, foram muitos os romances sobre a realidade social, os grandes negócios, os crimes e a cultura de massa; os retratos tecnicamente cheios de habilidade de indivíduos e grupos; e os trabalhos experimentais sobre a cena americana. As duas guerras mundiais trouxeram à tona na literatura a tensão que nascia de uma mistura de otimismo e medo, solidão e globalização. Durante a Segunda Guerra, os escritores realistas Ernest Hemingway e John Steinbeck, e jornalistas como John Hersey e Ernie Pyle, além da italiana Oriana Fallaci, contribuíram com excelentes textos sobre os sentimentos e experiências dos soldados situados no *front*.

Influenciados pelos romances da literatura realista, os jornalistas na década de 1960 tinham a grande ambição de serem escritores de ficção, como revela Wolfe (2005, p. 16):

[...] É difícil explicar o que a idéia de escrever um romance significava nos anos 40, 50 e até no começo dos anos 60. O Romance não era uma mera forma literária. Era um fenômeno psicológico. Era uma febre cortical. Fazia parte do glossário da Introdução geral à psicanálise, em algum ponto entre narcisismo e neurose obsessiva.

Por mais crítico que pudesse ser em torno da sensação que as obras românticas e realistas causavam entre os jornalistas nova-iorquinos, Wolfe (1975, p. 18) admite sua admiração pela prática destes procedimentos literários no jornalismo: “Era a mais sincera forma de homenagem ao romance que os jornalistas podiam prestar, sem nunca deixar de ter claro que a representação do artista soberano na literatura era o escritor”.

Vasconcelos (2002, p. 21) elenca os temas relacionados ao realismo no, especificamente no romance inglês do século XVIII, a partir dos quais podemos esboçar características reconhecíveis nas narrativas do Novo Jornalismo:

credibilidade e probabilidade; familiaridade, existência cotidiana e personagens comuns; língua liberta da tradição; individualismo e subjetividade; empatia e vicariedade; coerência e unidade de concepção; inclusividade, digressividade; fragmentação; autoconsciência da inovação e da novidade; [...] presença do surpreendente, do proibido, do bizarro, do estranho, do inexplicado, também elementos que pertencem à ordem da experiência humana.

Com seu declínio, o realismo social deixou uma lacuna na literatura que viria a ser preenchida pelo jornalismo. O periodismo via sua chance de se igualar em qualidade narrativa à literatura, mas, para que essa possibilidade tivesse chances reais de conseguir um espaço na classe de intelectuais e no gosto do público, a atividade teria de aperfeiçoar meios sem perder a especificidade. Para tanto, conforme Lima (2004), seria necessário sofisticar seu

instrumental de expressão, de um lado, e elevar seu potencial de captação do real, de outro. Assim, o Novo Jornalismo foi nascendo, incorporando à sua escrita variadas técnicas narrativas a serviço do relato da realidade.

### **O que é (ou foi?) o Novo Jornalismo**

Na década de 1960, os Estados Unidos consolidavam sua hegemonia pós-2ª Guerra Mundial, as saias das mulheres encurtavam, a música ganhava os acordes rebeldes da guitarra elétrica e o cinema discutia o sofrimento humano introspectivo baseando-se na psicologia. A Guerra Fria manipulava as mentes dos cidadãos e o comportamento na coletividade deveria ser o mais discreto possível, pois qualquer brecha levaria a acusações relacionadas ao Comunismo. O jornalista estadunidense Wolfe (2005, p. 51) relata que, na cultura, enquanto tudo isto se passava, a literatura perdia o fio da meada:

Todas as mudanças que foram rotuladas, mesmo canhestramente de “abismo entre gerações”, “contracultura”, “consciência negra”, “permissividade sexual”, “morte de Deus” [...] O abandono de comportamentos adequados, de piedades, decoros conotados por “fundos de especulação”, “dinheiro rápido”, modernos jóia hippie drop-out pop Beatles Andy Baby Jane Bernie Huey Eldridge LSD maratona encontro barato underground rip-off... todo esse lado da vida americana que aflorou com a ascensão americana do pós-guerra enfim destampou tudo – os romancistas simplesmente viraram as costas para tudo isso, desistiram disso por descuido. E restou uma enorme falha nas letras americanas, uma falha grande o suficiente para permitir o surgimento desengonçado caminhão-reboque Reo como o Novo Jornalismo.

Considerado “pai” do Novo Jornalismo, por estudá-lo, conceituá-lo e documentá-lo, Wolfe participa da história do controvertido gênero desde os anos 1960 até os dias atuais, dedicando-se a preservar a memória do movimento em suas entrevistas, artigos e livros. Acuña (2003) registra que o escritor nasceu na Virgínia, nos Estados Unidos, em 2 de março de 1931. Graduou-se em Literatura Inglesa em Washington e fez doutorado em Filosofia na Universidade de Yale, em Connecticut.

Sua aventura no jornalismo teve início no jornal *The Washington Post*, o qual logo deixou por conta da ojeriza que sentia pelo texto tradicional que se escrevia por lá. Inquieto, foi acolhido pelas revistas *The New Yorker*, *Esquire* e *Rolling Stone*, que investiam em leituras dinâmicas da realidade, textos culturais e críticos. Os artigos e livros do jornalista ganhavam vigor atrativo e sua produção “se convertia rapidamente em radiografias da época que flutua entre os anos 60 e 70, estimulada pela revolução sexual, a luta pelos direitos civis, o movimento hippie, a psicodelia e rock and roll” (*idem*, p. 503). Foi no *New York Herald*

Tribune que Wolfe chegou ao ápice da utilização de técnicas literárias dentro do gênero da reportagem.

Personalidade influente para o nascimento do Novo Jornalismo, Wolfe (1975, p. 18) percebeu que, na época, “um novo e curioso conceito, vivo o bastante para inflamar os egos, havia decidido invadir os diminutos confins da esfera profissional da reportagem”. O estilo de escrita jornalística estabelecia-se como uma versão mais apurada e produzida das reportagens especiais. Segundo ele, esta descoberta tornaria possível o jornalismo tão desejado entre os repórteres sedentos por grandes casos: um jornalismo que fosse igual a um romance.

O autor relata que o Novo Jornalismo (*New Journalism*) surgiu em Nova York como um novo estilo de reportagem especial dos jornais impressos diários. O movimento cresceu entre os profissionais da imprensa tendo preocupações artísticas, o que gerou conflitos e reações negativas por parte das classes de intelectuais, escritores e jornalistas conservadores, principalmente pelas novas ideias de liberdade textual, desapego ao lead clássico do texto jornalístico e excessiva intimidade com a vida particular de personagens e entrevistados.

Exemplificamos aqui o estilo com a reprodução de um trecho do primeiro capítulo de “A Sangue Frio” (*In Cold Blood: A True Account of a Multiple Murder and Its Consequences*), romance de não-ficção que marcou a carreira do jornalista Truman Capote.

The village of Holcomb stands on the high wheat plains of western Kansas, a lonesome area that other Kansans call “out there”. Some seventy miles east of Colorado border, the countryside, with its hard blue skies and desert-clear air, has an atmosphere that is rather more Far West than Middle West. The local accent is barbed with a prairie twang, a ranch-hand nasalness, and the men, many of them, wear narrow frontier trousers, Stetsons, and high-heeled boots with pointed toes. The land is flat, and the views are awesomely extensive; horses, herds of cattle, a white cluster of grain elevators rising as gracefully as Greek temples are visible long before a traveler reaches them. (CAPOTE, 1965, p. 3)

Percebemos o esmero de Capote com as palavras, com a descrição dos locais, pessoas e costumes, a cautela ao transportar o leitor até o vilarejo de Holcomb, no Oeste do estado americano do Arkansas. O livro relata detalhes do assassinato da família Clutter, em 1959, história com a qual Capote teve primeiro contato por meio de uma nota de jornal. Atraído pela misteriosa história que poderia haver por trás da morte dos quatro membros da abastada família Clutter, o escritor adentrou no mundo do vilarejo e tornou-se íntimo dos acusados, Richard "Dick" Eugene Hickock e Perry Edward Smith, os quais acompanhou durante seis anos de julgamento.

O livro só foi lançado após o resultado do julgamento dos assassinos: a sentença de morte, em 1965. O escritor permaneceu fiel e confidente de seus personagens durante todos os

anos em que passaram na prisão e considerou-se amigo deles, o que, inclusive, gerou boatos de que mantinha um relacionamento amoroso com Perry Smith, o mais tímido e acuado da dupla de acusados. A relação e o conturbado período de produção de “A Sangue Frio” foram encenados no filme “Capote”, do diretor Bennett Miller, em 2005. O jornalista foi interpretado pelo ator Philip Seymour Hoffman, que ganhou o Oscar (Prêmio da Academia) de Melhor Ator em 2006.

O primeiro contato de Wolfe com uma nova espécie de texto jornalístico narrativo o fez pensar que, um pouco mais retrabalhado, o artigo poderia ter o efeito de um conto. Ao ler uma reportagem de Gay Talese denominada “Joe Louis: o Rei na meia-idade”, publicada no outono de 1962 na revista *Esquire*, ele se deparou com algo totalmente diferente do que estava acostumado a ver no jornalismo daqueles dias.

“Oi, meu bem!”, Joe Louis disse a sua mulher, ao vê-la esperando por ele no aeroporto de Los Angeles. Ela sorriu, foi até ele, e estava quase se pondo na ponta dos pés para beijá-lo quando, de repente, parou.  
 “Joe”, disse ela, “cadê sua gravata?”  
 “Ah, benzinho”, ele disse, dando de ombros. “Fiquei acordado a noite inteira em Nova York e não tive tempo de...”  
 “A noite *inteira!*”, ela cortou. “Quando está aqui você só quer saber de dormir, dormir e dormir.”  
 “Benzinho”, disse Joe Louis, com um sorriso cansado, “eu estou velho”.  
 “É”, concordou ela, “mas quando você vai para Nova York, você tenta ficar moço de novo”. (TALESE *apud* WOLFE, 2005, p. 20).

O autor comenta que não conseguia entender como aquele texto, que soava como um conto de não-ficção, tratava-se, na realidade, de uma reportagem. “Minha reação, instintiva, defensiva, foi achar que o sujeito tinha viajado, como se diz... improvisado, inventado o diálogo... Nossa, ele talvez tenha criado cenas inteiras, o nojento inescrupuloso...”, escreveu Wolfe (*idem*, p. 22), comentando que esta foi a mesma reação pública que perdurou pelos nove anos seguintes enquanto o Novo Jornalismo era praticado.

A preocupação do momento entre os jornalistas nova-iorquinos era a liberdade de criação dentro da realidade dos fatos. A aproximação com as técnicas literárias justificavam um certo alívio das frustrações de alguns desses profissionais aspirantes a escritores, como admite o próprio Tom Wolfe. Para Carta (2004, p. 13), basicamente leva-se em consideração a imersão do repórter na realidade, a precisão de dados e observações e a elaboração de um texto que permitisse que a história viesse à tona por meio de uma voz autoral e de um estilo.

Configurado como uma rebeldia que contrariava a isenção e imparcialidade requisitadas à produção jornalística, o Novo Jornalismo permitiu aos suplementos especiais de revistas como *The New Yorker* e *New York Herald Tribune* a liberdade de romancear as

informações. Carta (*idem*) considera que as propostas do movimento, na verdade, já podiam ser detectadas em obras bem anteriores à década de 60. Grandes nomes da escola literária do realismo social, como o inglês Charles Dickens, inspiraram jornalistas a aplicar aos relatos da realidade as técnicas narrativas que empregavam na ficção. Segundo registrou Gomes et. al (2004), no Brasil, observa-se o caso da publicação da obra "Os Sertões", de Euclides da Cunha, em 1902, no jornal O Estado de São Paulo, num relato sobre a Guerra de Canudos, Antônio Conselheiro, e a região sertaneja nordestina.

Para Santos (2005, p. 239), Wolfe acreditava que o Novo Jornalismo queria fazer reportagens, mas apostando que este formato tradicional de contar histórias poderia perseguir formas mais imaginativas, adquirindo valores estéticos e artísticos. O excitante no surgimento do Novo Jornalismo era a sensação de que era possível inovar empregando técnicas habitualmente utilizadas no conto e no romance, explica Czarnobai (2003). O interessante seria fazer descrições muito fiéis da realidade, podendo, assim, um artigo jornalístico valer-se de recursos literários para cativar o leitor tanto pelos argumentos quanto pelo emocional.

Gay Talese, que, além de escrever para a revista Esquire também era repórter do The New York Times e alcançou o auge de seu sucesso com o livro "Fama e Anonimato", redigiu suas impressões sobre os conceitos do Novo Jornalismo e a sensação de vê-lo se tornar popular, assim como Tom Wolfe também registrou. O escritor foi reconhecido como um dos expoentes do movimento, obtendo grande destaque por relatos de episódios do cantor Frank Sinatra e do ídolo do beisebol americano Joe Dimaggio.

No prefácio do livro "Aos olhos da multidão" (1973), relançado em 1995 sob o título "Fama e Anonimato", Talese defende a imparcialidade do Novo Jornalismo. Conta que, embora fosse encarado como ficção, não pretendia escrever ficção nem a praticava. Em sua ótica, o movimento aspirava a verdade tanto quanto o noticiário "pirâmide invertida"<sup>2</sup>, porém de forma mais ampla do que era feito compilando fatos comprováveis e usando citações. Segundo ele, o Novo Jornalismo exigia uma abordagem mais imaginativa da reportagem e consentia que o escritor participasse da narrativa, caso desejasse, ou que assumisse o papel de observador imparcial, como ele mesmo fazia. Eram hábitos de Talese absorver todo o cenário, o diálogo, a atmosfera, a tensão, o drama, o conflito e, coletadas as impressões, escrever tudo do ponto de vista da personagem o qual estava focalizando.

---

<sup>2</sup> Designa uma forma de estruturar a notícia, segundo o qual os fatos culminantes devem vir em primeiro lugar, em seguida são informados os fatos importantes ligados ao acontecimento, e, por último, são citados os dados interessantes e detalhes dispensáveis (FERRARI E SODRÉ, 1986).

A descrição de seu comportamento lembra os costumes de Truman Capote, o mais escandaloso e duvidoso dentre os “novos jornalistas”, de acordo com os romancistas e críticos da época. Assim como Talese acreditava que alcançava os pensamentos interiores de seus personagens, sendo possível registrar o que se passava na mente das pessoas, Capote também praticava uma abordagem psicanalítica na apuração e narração dos fatos.

Tal atitude rendeu aos novos jornalistas reações negativas, conforme analisa Lima (2004). As falhas neste modelo de reportagem decorreram de pessoas que exageraram em determinados recursos, como a criação de personagens fictícios que fossem representar uma realidade. Outro recurso bastante utilizado por Wolfe (2005, p. 34) foi a mudança de pontos de vista: “Em vez de chegar como um locutor descrevendo a grande parada, mudava o mais depressa possível para dentro das órbitas oculares das pessoas da matéria, por assim dizer. Muitas vezes, mudava o ponto de vista no meio de um parágrafo, até no meio de uma frase”, comenta. Um exemplo claro foi sua matéria “A Garota do Ano”, sobre a socialite Baby Jane Holzer, musa do artista Andy Warhol.

Jubas franjadas ninhos bufantes bonés de Beatle carinhas de criança cílios postiços olhos de decalque suéter estufado sutiãs de ponta franceses blue jeans de couro batido calças de stretch bumbuns de néctar botas de duende até as canelas sapatilhas de bailarina Knight, centenas deles, desses brotinhos chamejantes, pulando e gritando, revoando pelo Auditório da Academia de Música debaixo daquele vasto e velho teto abobadado de querubins embolorados lá em cima – eles não são supermaravilhosos?

“Eles não são supermaravilhosos?”, diz Baby Jane, e depois: “Oi, Isabel! Isabel! Quer sentar atrás do palco – com os Stones?”

[...] Meninas balançando para lá e para cá no corredor, com seus imensos olhos pretos de decalque, pesados de cílios postiços Tiger Tongue Lick Me, e apliques pretos, pesados como árvores de Natal de vitrine, ficam olhando para – ela – Baby Jane – no corredor. Que diabo é isso? Ela é deslumbrante de um jeito absolutamente excessivo. (*idem*, p. 135)

Neste caso, Wolfe começa como um espectador, descrevendo o visual das tietes que esperavam pelo início do show dos Rolling Stones. Ao final do parágrafo, repentinamente, uma mudança de ponto de vista: “eles não são supermaravilhosos?”, frase que indica uma informação vindo não do autor, mas da personagem, Baby Jane. Essa espécie de “fluxo de consciência” permanece centralizada em Baby Jane, sendo todas as descrições impressões obtidas por meio de sua ótica, até o trecho “ficam olhando para – ela – Baby Jane”. A ideia,

nesta passagem, é de que a personagem se referiria a si mesma, quando Wolfe retoma o seu ponto de vista de forma abrupta e volta a narrar em terceira pessoa.

A escrita ousada exigia atenção aos detalhes. Alguns dos elementos imprescindíveis vinham da descrição de um acontecimento cena a cena, do relato minucioso dos diálogos, do registro de gestos, cotidianos, hábitos, modos, estilos de decoração, roupas, comportamento – itens denominados por Tom Wolfe como símbolos de status, para reforçar a aparência da realidade. Vamos enumerar, então, os quatro procedimentos básicos do Novo Jornalismo:

1) Construção cena a cena: consiste em contar a história passando de cena a cena, como se acontecesse enquanto está sendo narrada, recorrendo à reconstituição histórica dos acontecimentos.

2) Registro dos diálogos completos.

3) Ponto de vista da terceira pessoa: trata-se de apresentar cada cena ao leitor por meio de um personagem particular.

4) Registro de hábitos e costumes: os retratos das personagens incluíam o da sociedade em que viviam. Gestos, maneira, mobília, decoração, viagens, manutenção da casa, comportamento dos filhos, criados, superiores, inferiores. Enfim, quaisquer detalhes que pudessem simbolizar o status de vida da pessoa, usando essa expressão no sentido amplo de todo o padrão de comportamento e posses por meio da qual a pessoa expressa sua posição no mundo ou o que ela pensa que é o seu padrão ou o que gostaria que fosse.

Em entrevista<sup>3</sup> ao Jornal do Brasil, em 21 de março de 2002, Gay Talese fez um apanhado de sua trajetória pelo Novo Jornalismo e esclareceu algumas de suas propostas, dizendo: “É um texto literário que não é inventado, não é ficção, mas que é narrado como um conto, como uma sequência de filme. É como um enredo dramático digno de ser levado aos palcos e não apenas um amontoado de fatos, fácil de ser digerido”.

A inserção intensa na vida das personagens era uma constante na apuração dos fatos. Os jornalistas procuravam reconstituir seus pensamentos, sentimentos e emoções com base em entrevistas interativas, como o fez incansavelmente Truman Capote. No tocante à

---

<sup>3</sup> **Nada novo na velha América.** Disponível em:

<<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/asp2703200296.htm>> Acesso em: 09 set. 2017.

linguagem, Tom Wolfe foi quem lançou as maiores tendências do Novo Jornalismo: estrangeirismos, gírias, onomatopeias e sinais de pontuação inexistentes caracterizaram o visual de seu texto.

Para o autor, o jornalismo convencional obedece a um modo de captação, apuração e expressão da realidade regida por princípios bem demarcados, que deixam pouca margem de autonomia para os repórteres. São regras que estipulam o enquadramento do relato em elementos básicos universalmente conhecidos – o que, quem, como, onde e por que, o pouco envolvimento do repórter com as personagens e com os cenários de suas matérias, um foco bastante impessoal e pouco espaço para experimentos de estilo.

## **Conclusão**

O Novo Jornalismo, em sua origem, foi um estilo inusitado de produzir reportagens impressas. Os jornalistas Tom Wolfe, Truman Capote e Gay Talese foram os nomes mais expressivos na aplicação de técnicas inovadoras ao enunciar suas histórias. O que diferenciava o Novo Jornalismo dentro da tradição do Jornalismo Literário, naquele momento, era a sua linguagem. Tendo como ponto referencial a escola do Realismo, do século XIX, os “novos jornalistas” adequaram recursos literários de romances às reportagens que circulavam em cadernos especiais dos jornais semanalmente.

Porém, não era suficiente contar uma história real numa grande-reportagem com efeitos narrativos, a exemplo das obras tradicionais consideradas como Jornalismo Literário. O interessante era fazer parte da história, conhecer intimamente suas personagens, adentrar seus sentimentos e narrá-los de forma livre, sem impedimentos. Essa liberdade de expressão foi concretizada em textos cujos elementos mais marcantes nós tomamos como parâmetro para estabelecer uma comparação com outros gêneros da narrativa jornalística. A começar pela dinamicidade praticada por Tom Wolfe, que aproveitava ao máximo as funções dos recursos de pontuação. Eram frequentes em suas reportagens as exclamações, interrogações, vírgulas e os dois pontos, o que conferia movimento e ritmo às ideias no momento da leitura, permitindo que o leitor visualizasse melhor a história.

Outros pontos imprescindíveis ao texto do Novo Jornalismo foram a transcrição dos diálogos em discurso direto; o registro das impressões das personagens sobre os fatos; a interpretação das ideias dos entrevistados a partir de seu comportamento, bem como a leitura social dos símbolos que permeavam a vida das pessoas relatadas (descrições de status); e a construção de “heróis” casuais, comuns, que surgem do nada para o estrelato e se revelam

personalidades ímpares, ou mesmo a desconstrução de mitos do mundo artístico. Todas essas características, aliadas a um vocabulário descontraído, compunham as reportagens no Novo Jornalismo.

## Referências

ACUÑA, C. J. G. *Vigência del relato como sentido de la realidad*. Universidad Complutense de Madrid, 2003.

CAPOTE, T. *In cold blood: a true account of a multiple murder and its consequences*. New York: Random House, 1965.

CARTA, G. *Velho Novo Jornalismo*. São Paulo: Códex, 2003.

CRAWFORD, B. V.; KERN, A. G.; NEEDLEMAN, M. H. *American Literature*. 3. ed. New York: Barnes & Noble, 1953.

CZARNOBAI, A. F. P. *Gonzo: o filho bastardo do new journalism*. Porto Alegre: UFRS, 2003. Disponível em: <<http://paginas.terra.com.br/arte/familiadacoisa/IRD/monogonzo01.html>> Acesso em: 7 set. 2017.

FERRARI, M. H.; SODRÉ, M. *Técnica da Reportagem: notas sobre a narrativa jornalística*. São Paulo: Summus: 1986.

GOMES, F. S.; COSTA, K. V.; BATISTA, R. L. *Jornalismo Narrativo: eficiência e viabilidade na mídia impressa*. Niterói: Fundação Cultural de Campos, 2004. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/costa-klenio-jornalismo-narrativo.pdf>> Acesso em: 09 set. 2017.

LIMA, E. P. New Journalism X Jornalismo Literário. *Jornalite – Portal de Jornalismo Literário no Brasil*. São Paulo, 2001. Disponível em: <<http://www.jornalite.com.br>> Acesso em: 10 set. 2017.

SANTOS, J. F. Abaixo o jornalismo bege. *Radical Chic e o Novo Jornalismo*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

TALESE, G. *Aos Olhos da Multidão*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1973.

VASCONCELOS, S. G. *Dez lições sobre o romance inglês do século XVIII*. São Paulo: Boitempo, 2002.

WOLFE, T. *El Nuevo Periodismo*. Barcelona: Editorial Anagrama, 1975.

WOLFE, T. *Radical Chic e o Novo Jornalismo*. Tradução de José Rubens Siqueira. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

ZARDOYA, C.; IGLESIAS, C. *Historia de la literatura americana*. Barcelona: Editorial Labor, 1956.